

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará  
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tratado de história das religiões**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **O Ano 1000**: tempo de medo ou de esperança? São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (Coleção Virando Séculos).

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HOORNAERT, Eduardo. **Crônicas das Casas de Caridade**: fundadas pelo Padre Ibiapina. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

LEITE, José Costa; MARIA, Enoque José de. **A Voz do Padre Cícero**. Pernambuco. Produção Independente. [s/d].

MELO, Rosilene Alves de. **O outro Juazeiro**: história das crenças e práticas ocultas na cidade sagrada. **Tendências**: Caderno de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri. Crato: URCA, v. 2, n.1, p. 29-40, jul. 2004.

MISSÃO ABREVIADA, **Wikipédia**, Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Miss%C3%A3o\\_Abreviada2010](http://pt.wikipedia.org/wiki/Miss%C3%A3o_Abreviada2010)> Acesso em: 28 jan. 2010.

REPERCUSSÃO gera festas e pânico. **Diário do Nordeste Online**. Fortaleza, 11 ago. 1999. Caderno Cidade. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/08/11/>>. Acesso em: 25 fev. 2006.



**O CABELEIRA: A HERANÇA MEDIEVAL NA CARACTERIZAÇÃO DO HERÓI DE FRANKLIN TÁVORA**

NASCIMENTO, Marília A. B. do  
SIQUEIRA, Ana Márcia A. (Orientadora)

**Resumo**

Em *O Cabeleira*, romance inaugural da “Literatura do Norte” de Franklin Távora, podemos observar, na construção do herói, a presença de substratos medievais que se alinham à matéria cavaleiresca. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo identificar esses substratos, apontando-os ao mesmo tempo como indícios da herança de uma tradição popular que dá ênfase a atitudes de coragem, destemor, valentia, qualidades estas típicas da figura do herói das novelas de cavalaria, que alcançaram grande sucesso na Idade Média.

**Palavras-chave**: Cabeleira. Substratos medievais. Herói.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará  
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

O objeto de estudo que trazemos a essa comunicação é o romance *O Cabeleira*, de Franklin Távora. Observamo-lo como criação literária na qual subjazem elementos filiados à matéria cavaleiresca que alcançou bastante prestígio no período medieval. Em especial, queremos voltar nosso olhar para a caracterização do protagonista da narrativa tavoreana, o qual, por um lado, destoa em muitos pontos do arquétipo do herói ideal, mas, por outro, aproxima-se do cavaleiro medievo no que tange, por exemplo, às virtudes de coragem, valentia e destemor.

Nesse intento, comungamos com o pensamento do historiador Hilário Franco Júnior quando afirma acreditar que as obras literárias e artísticas, “além dos objetivos intencionais de seus autores”, “podem revelar muito do sistema de valores e das formas inconscientes de sentir e agir da sociedade que as produziu e consumiu” (FRANCO JÚNIOR, 2003, p. 94). Sob esta perspectiva, encaramos o texto de Távora como obra reveladora de um imaginário herdeiro de aspectos que também permeavam o imaginário do homem medieval. Tal ilação é autorizada pelas aproximações que veremos mais a frente. Em outras palavras, as de Franco Júnior, certas “emoções e afetos” registrados na mentalidade medieval “continuam ainda atuais, embora sob outras roupagens” (Idem, ibidem, p. 86). Ou seja, o sistema de imagens do homem sertanejo do século XIX, expresso na obra em apreço, e mesmo do homem de nosso tempo, embora passando pela filtragem cultural, expressa sentimentos que são tributários de um pensamento enraizado na Idade Média.

Dessa forma, além da proposta de erguer uma “Literatura do Norte” e do propósito estético-ideológico que podemos encontrar n’ *O Cabeleira*<sup>13</sup>, vemos também, à semelhança do que ocorria nas novelas de cavalaria, uma história que conta as aventuras de um homem “em quem hoje veneraríamos talvez modelos de altas e varonis virtudes”<sup>14</sup>. Logo na abertura do romance, o narrador chama a atenção para a existência, em Pernambuco, de vultos históricos dignos de admiração: “A história de Pernambuco oferece-nos exemplos de heroísmo e grandeza moral que podem figurar nos fatos dos maiores povos da Antiguidade sem desdourá-los” (OC, p. 15). Para ele, contudo, merecem ser observados não só os heróis de “grandeza moral” que magnificaram a pátria com “nobres feitos”, mas também os “vultos infelizes” que figuram ao lado daqueles, entre os quais se inclui o protagonista da narrativa, “o qual se celebrou na carreira do crime [...] pela crassa ignorância que em seu tempo agrilhoava os bons instintos e deixava soltas as paixões canibais” (Idem).

<sup>13</sup> A intenção de Franklin Távora de mostrar a educação como único meio de salvar o sertanejo da barbárie é elucidada por Ana Marcia Alves Siqueira (2007) em sua tese de doutorado. A pesquisadora também observa substratos medievais presentes na obra em foco. Valer-nos-emos de algumas de suas considerações em nosso trabalho.

<sup>14</sup> TÁVORA, F. *O Cabeleira*. Fortaleza: Editora Verdes Mares, 1997, p. 15. Todas as citações do romance são desta edição e, a seguir, serão indicadas somente pela abreviatura do título – OC – e o número das páginas.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

O narrador alerta que este juízo acerca de Cabeleira foi autorizado pela “tradição oral, os versos dos trovadores e algumas linhas da história”. Afirma ainda que o personagem, a quem chama de “herói legendário”, deve sua fama à audácia e às atrocidades cometidas, e o considera como uma espécie de Cid ou Robin Hood pernambucano. Vê-se, portanto, que, apesar da vida criminosa que levou, Cabeleira permaneceu lembrado pelas proezas, pelas façanhas que realizou.

Observamos, no início da narrativa, certo tom épico na apresentação feita pelo narrador. Ele fala de “exemplos de heroísmo”, “grandeza moral”, “varonis virtudes”, “herói legendário”, citando, inclusive, Cid, o Campeador. Tais expressões remetem-nos à atmosfera heróico-guerreira própria das novelas de cavalaria, pois, como salienta Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, esse gênero literário foi

fôrma sedimentada, à altura do século XIII, por uma tradição cuja fonte imediata poderia ser o aparecimento das canções de gesta em fins do século XI, mas que nos permitirá remontar à épica Greco-latina, se tivermos a modalidade novelesca como limítrofe daquilo que os antigos chamaram “epopéia”. (MONGELLI, 1995, p. 15)

Por conseguinte, a partir das expressões destacadas, já podemos notar uma relação da história de Cabeleira com a literatura medieval, uma vez que esta foi impregnada pelo tema épico-guerreiro.

Acerca da presença de elementos medievais no plano cultural brasileiro, Franco Júnior, bem como outros estudiosos e pesquisadores, observa a recorrência de personagens como Artur e Carlos Magno na literatura de cordel nordestina, “cujo espírito, temática, transmissão e recepção essencialmente orais prolongam a poesia europeia da Idade Média no Brasil do século XX” (FRANCO JÚNIOR, 2006, p. 169). Silvano Peloso, em *O canto e a memória*, trabalho no qual estuda o imaginário popular brasileiro, também afirma a existência, na literatura popular nordestina, de “uma relação estreita entre os heróis das antigas canções de gesta, celebradas pela tradição, e os novos paladinos do sertão, os cangaceiros, que fazem da lei da honra e do valor na batalha os pressupostos sobre os quais se baseia a lenda ligada à sua figura” (PELOSO, 1996, p. 109).

Assim como ocorreu com o imaginário medieval, a cultura popular exerceu e continua exercendo um papel de fundamental importância no imaginário do homem sertanejo. O testemunho do nosso narrador é prova disso, ele vai buscar a matéria de sua história na “tradição oral”, nos “versos dos trovadores”, que se aliam à história, sendo modelados pelo trabalho criativo do escritor para nos dar o retrato deste que foi um dos precursores do cangaço. Conforme Luiz Bernardo Pericás, José Gomes, o Cabeleira, destacou-se no século XVIII, e mais tarde, na primeira metade do

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

século XIX, houve bandidos como o baiano Lucas da Feira, que podem ser vistos como *precursores* do que se definiu como cangaço. (PERICÁS, 2010, p. 17).

O fato de Távora lançar mão do repertório popular para a elaboração de seu romance é assinalado por Cláudio Aguiar nas considerações seguintes:

O romance *O Cabeleira* pretendia ser um grito, um brado, ainda que eivado de muitas matérias estranhas ao aproveitamento literário, privilegiando detalhes colhidos diretamente da tradição popular. Essa maneira de aproveitar o que o povo cantava e tomava como padrões de suas façanhas e admirações, em certa medida aquilo que se poderia chamar de herói popular, vinha, no caso do bandido Cabeleira, desde o século passado, incorporado no inconsciente coletivo como o próprio grito de rebeldia, de valor social firmado, mas assistemático. Faltava à literatura nacional a assimilação temática dessa realidade assombrosa, o banditismo e o cangaceirismo, as aventuras e desventuras dos matutos sem lugar certo e quase sem rosto na identidade nacional. [...]

A estrutura básica do romance *O Cabeleira*, como quis e pensou o autor, tomou a história como suporte fundamental. Não a história oficial, mas a própria voz do que corria no cancioneiro popular, vulgarizada pelo cordel que, desde o século XVIII, cantava a história do bandido cabeleira que assustou e agitou a pacata cidade do Recife e seus arredores. (AGUIAR, 1997, p. 236, 237)

A tradição oral constitui, portanto, fonte prolífera disseminadora de histórias de heróis ou vilões populares, nos quais o povo identifica e exalta façanhas e proezas, admirando a coragem e a rebeldia.

Para Siqueira (2007, p.30), o fato de *Cabeleira* ter ganhado fama pela “audácia e atrocidades” pode ter como explicação o reconhecimento da proeza por parte do sertanejo, mesmo que ela seja motivada por ações e sentimentos maldosos; pois, embora os bandidos imponham medo e insegurança, o sertanejo não deixa de vê-los como heróis, uma vez que se destacam pela coragem, valentia e mesmo pela violência, porque não se deixam subjugar por outrem. No que se refere a essa admiração por malfeitores do feitio de *Cabeleira*, Pericás faz a seguinte observação:

Uma boa explicação para o respeito e empatia das comunidades sertanejas pelos cangaceiros, apesar de qualquer mal que estes pudessem lhes causar, nos parece ser o da construção, consciente ou inconsciente, por parte dos marginais, de um “escudo ético”, terminologia tão apropriada e tão bem elaborada por Frederico Pernambucano de Mello. Esse elemento “ético”, em última instância, os diferenciaria de forma inequívoca dos bandidos comuns aos olhos da população. E teria ajudado a manter a imagem de justiceiros ao longo do tempo na região. Afinal, como diria Luís da Câmara Cascudo, “o sertanejo não admira o criminoso, mas o homem valente”. (PERICÁS, 2010, p. 39)

Esse “escudo ético” mencionado pelo pesquisador, Siqueira chama-o de “código de honra”, através do qual se defendia o direito à vingança em crimes cometidos, por exemplo, contra a propriedade, a

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

vida e a integridade sexual ou moral. Segundo a estudiosa, esse código delimitava as áreas de influência e os limites dos indivíduos no sertão, sendo mantido pelo costume e perpetuado pelo uso. (SIQUEIRA, 2007, p. 31).

Nesse “escudo ético” ou “código de honra” adotado pelos cangaceiros, sendo Cabeleira um destes ou um de seus precursores, como dito anteriormente, podemos perceber reminiscências das regras da honra cavaleiresca, isto é, da ética da cavalaria medieval. Para Jacques Le Goff, os valores cavaleirescos “podem ser resumidos em três palavras: proeza, generosidade e lealdade”. E “os três objetivos essenciais do cavaleiro corajoso e cortês são a aventura, a honra e a glória” (LE GOFF, 2009, p. 116, 117). Jean Flori, por sua vez, aponta os seguintes aspectos como componentes de uma ética própria à cavalaria: “culto da coragem e do heroísmo, respeito ao código deontológico que poupa, por interesse ou por ideal, o homem desarmado ou caído por terra; respeito à palavra dada; zelo pela reputação, ampliada pela bravura de uns e pela generosidade de outros” (FLORI, 2006, p. 196).

Assim, embora tenha sido um bandido violento, sanguinário e muitas vezes cruel, Cabeleira é celebrado na poesia oral e permanece no imaginário do homem sertanejo, envolto numa áurea épica, por causa das aventuras que viveu, demonstrando, nestas, sua valentia, sua coragem e seu destemor em enfrentar as autoridades ou quem quer que fosse para impor sua vontade. Na opinião de Siqueira, um dos motivos que levaram ao registro da vida aventureira de Cabeleira nas trovas populares é o fato de haver, na região sertaneja, “uma especial predileção por aventuras que cristalizam imagens de valentia e heroísmo, ao gosto do cavaleiro andante, figura popular no medievo” (SIQUEIRA, 2007, p. 18).

Outro registro que dá testemunho do hábito popular de guardar na memória, através da tradição oral, os feitos dos cangaceiros é o de Gustavo Barroso em seu *Terra de Sol*, publicado inicialmente em 1912. Nele, o escritor cearense, que considera os cangaceiros como “tipos anormais”, afirma:

Quando esses tipos ficam célebres por sangrentas façanhas, os cantos rústicos dos menestréis do sertão perpetuam-nos. As velhas contam seus feitos às pálidas crianças trêmulas, anediando-lhes os cabelos, aconselhando-lhes à bondade, indicando-lhes o caminho da virtude com aqueles exemplos. [...]  
E depois de desaparecido para felicidade dos sertões, a memória do povo, cheia de horror, narrará nos seus cantos singelos os seus feitos arrepiantes e os seus crimes horríveis. (BARROSO, 2003, p. 145, 172)

A narrativa em foco comprova mais de uma vez as observações de Barroso, já que Távora transcreve em certos momentos algumas das trovas que celebraram o bandido famoso por apavorar

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

os sertões pernambucanos. O narrador relata mesmo algo muito semelhante ao que o autor de *Terra de Sol* fala na citação supra. Veja-se o trecho ao qual nos referimos:

Durante muitos anos, ouvindo suas mães ou suas aias cantarem as trovas comemorativas da vida e morte desse como Cid, ou Robin Hood pernambucano, os meninos tomados de pavor, adormeceram mais depressa, do que se lhes contassem as proezas do lobisomem ou a história do negro do surrão muito em voga entre o povo naqueles tempos. (OC, p. 15)

E a primeira trova que nos é apresentada atesta a fama de assassino cruel e o terror provocado por Cabeleira:

Fecha a porta, gente,  
Cabeleira aí vem,  
Matando mulheres,  
Meninos também. (OC, p.16 )

Barroso faz menção dessa mesma quadra, transcrevendo-a também para enfatizar a fama do bandido e mostrar por que ele se torna célebre entre a gente do sertão. São suas as palavras: “O povo celebrizou-o numa cantiga de ritmo moroso, para ninar crianças, mórbida, tristonha, arrastada, em que se diz às mães que fechem as postas que o *Cabeleira aí vem,/ Matando mulheres./ Meninos também.*” (BARROSO, 2003, p. 158).

Há, entretanto, diferença na forma como ambos os autores mostram o criminoso. Enquanto Távora coloca-o como cabeça de um bando de malfeitores, entre os quais figura seu pai, Joaquim Gomes, Barroso descreve-o como o tipo de “cangaceiro insulado, só, sem bando, sem acostados, matando, praticando desatinos cruéis sem malta de sequazes, aparecendo subitamente nas veredas das selvas” (Idem, *ibidem*). Destaque-se, contudo, a aproximação dos relatos por salientarem o caráter sanguinário e a crueldade do bandido, como mostra, por exemplo, o trato com as crianças. A esse respeito, no segundo capítulo do romance, no qual são narrados os acontecimentos após o episódio do assalto à vila do Recife, mostra-se a ira do bandido contra duas crianças por achar que elas tinham lançado mão do dinheiro proveniente do roubo. Ele cruelmente atinge um dos meninos com um facão e atira no outro, que subira num coqueiro na tentativa inútil de escapar do assassino.

Pelos aspectos que aí ficam assinalados, o personagem de Távora teve tudo para ser odiado pelo povo, haja vista ter sido um bandido salteador e um assassino impiedoso, que agia de acordo com o seu bel-prazer, sem a menor consideração por seus semelhantes. Porém, em vez de esquecê-lo, a voz do povo o rememora e o admira pela coragem, pelo caráter rebelde e indômito, pelo porte altivo perante os adversários. Acerca dessa contradição, Peloso pronuncia-se do seguinte modo:

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará  
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Apesar de nem sempre a realidade histórica da figura do bandido se adaptar perfeitamente aos esquemas poéticos tradicionais que exaltam nele o símbolo do valor e da coragem, os cantadores se preocupam em salvar a sua imagem e os valores que ele representa para a comunidade. (PELOSO, 1996, p. 111)

De fato, da história de Cabeleira e dos versos da tradição que o louvam, podemos subtrair a imagem de um herói popular, com o qual o sertanejo se identifica por ver nele a valentia e a audácia de enfrentar os obstáculos que lhe são interpostos, os quais se traduzem, conforme a realidade socioeconômica da região, na pobreza, na fome, na desigualdade social, na ausência ou precariedade da justiça. No que tange a essa admiração suscitada por figuras como o protagonista de Távora, Siqueira apresenta o ponto de vista que se segue: “O destemor possibilita que estes marginais sejam admirados como heróis, porque, embora pobres como o povo, eram rebeldes e corajosos, capazes de tudo enfrentar para impor sua vontade” (SIQUEIRA, 2007, p. 17).

Como se vê, apesar dos defeitos de caráter que José Gomes apresentou durante sua carreira de crimes, ele era dotado também de qualidades capazes de aproximá-lo do herói medieval, o cavaleiro, cujos valores foram descritos anteriormente. Entre os elementos que nos levam a equipará-lo a esses homens dignos de admiração no medievo, encontra-se a realização de proezas, o prazer pela aventura, o zelo pela reputação, pela fama de valente e corajoso.

Dessa forma, assim como certos heróis da Idade Média, Cabeleira teve seu nome e sua reputação difundidos além das fronteiras onde atuou, ganhando renome e sendo lembrado pela tradição oral que exalta suas proezas. Foi o que se deu, por exemplo, com El Cid, personagem exemplar da Reconquista espanhola, o qual, a partir do século XII, tornou-se um herói cristão do combate aos mouros graças a uma obra literária, *Cantar de mio Cid*, prolongada por lendas e por uma tradição oral (LE GOFF, 2009, p. 128, 130). Como vimos, o próprio narrador estabelece essa comparação no início da narrativa.

Concluimos, portanto, conforme análise dos elementos expostos, que é possível identificar, no romance de Távora, substratos que mostram o imaginário sertanejo como herdeiro do imaginário medieval, na medida em que identifica ou mesmo projeta aspectos do ideal cavaleiresco no herói popular, ainda que seja este violento e cruel. Pois, como elucida Peloso, “nem sempre o duplo caráter do bandido, criminoso inveterado e cavaleiro de honra, resolve-se em uma contradição ou em uma exclusão”. O artista “tem à sua disposição diversas caracterizações herdadas do passado que lhe permitem valorizar ambos os aspectos da alma dessa figura” (PELOSO, 1996, p. 112).

## Referências

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

- AGUIAR, Cláudio. **Franklin Távora e o seu tempo**. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.
- BARROSO, Gustavo. **Terra de sol**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- FLORI, Jean. "Cavalaria". In: LE GOFF, J. & SCHMITT, J-C (Coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Trad. (Coord.) Hilário Franco Júnior. Bauru: EDUSC, 2006.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- \_\_\_\_\_. "O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu - Reflexões sobre mentalidade e imaginário". **Signum**, nº 5, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Trad. Stephania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros. **Por quem peregrinam os cavaleiros de Artur**. Cotia: Íbis, 1995.
- PELOSO, Silvano. **O canto e a memória: história e utopia no imaginário popular brasileiro**. Trad. Sonia Netto Salomão. São Paulo: Ática, 1996.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- SIQUEIRA, A. M. A. **O Cabeleira entre a tradição e o cientificismo: a construção do herói sertanejo e o projeto educacional de Franklin Távora**. Tese. 2007. 235 f. (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- TÁVORA, Franklin. **O Cabeleira**. Fortaleza: Verdes Mares, 1997.



**AMOR E SEXUALIDADE: AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DO MASCULINO  
NAS PAREDES DE POMPÉIA.**

NOBRE, Gleiciane D.  
SIQUEIRA, Silvia M. A. (Orientadora)

**Resumo:** A partir de 1990, com o surgimento da escola Nova História, herdeira dos *Annales*, renovou seus métodos e técnicas de pesquisa. Inovou conceito de fontes e o modo de análise. Considerando também o cotidiano, a sexualidade, etc. Essa mudança permitiu que inclusive os estudos antigos fossem analisados de diferentes maneiras; diante disso começa-se a perceber a importância do amor e da sexualidade. A cidade de Pompéia apresenta um número grande de registros que permitem estudar o cotidiano e a vida das pessoas comuns, o dia a dia da cidade. Esses testemunhos nos mostram representações do feminino e do masculino, assim como um modo específico de conceber a sexualidade.

**Palavras-chave:** Amor, sexualidade, grafites, Pompéia.

---

Por muitos anos a antiguidade foi estudada através dos registros dos grandes acontecimentos; entretanto, após a difusão das idéias da escola dos *Annales* isso começou a mudar. Passou-se a também considerar com maior atenção as vivências do cotidiano e as relações que existiam entre as pessoas comuns que estavam à margem das grandes elites. Tratar das coisas